

**Eu quero Jesus mais que minha sexualidade:
André Valadão e seu discurso conservador perante a sexualidade.**

Edival Saraiva D'Oliveira ¹

Resumo: O presente trabalho analisa o discurso realizado pelo pastor André Valadão, tendo como base dois vídeos publicados no canal do YouTube da Lagoinha USA. Nos vídeos em questão, o evangélico ataca principalmente pessoas LGBTQIA+ e toca em temas que mobilizam o pânico nas pessoas em relação ao gênero, sexualidade e educação. Desse modo, proponho analisar a fala do pastor com base em dois grandes temas, que estão sempre ancorados na palavra de Deus. O primeiro diz respeito a questão do casamento homossexual e como este destrói uma ideia de “família tradicional”. Já o segundo tema relaciona-se com a ideia de escola como espaço de proliferação da chamada “ideologia de gênero”, e que a figura do professor seria responsável pela educação sexual das crianças, tirando delas sua escolha natural pela heterossexualidade. Em um primeiro momento destacaremos como os temas mobilizados pelo pastor, em geral, se associam ao discurso conservador, e como este pode ser pensado academicamente. Seguimos tecendo uma relação entre o debate teórico e algumas falas específicas do pastor no que diz respeito às questões do casamento de pessoas não-heterossexuais, família e como a escola se torna importante espaço de disputa nesse contexto. A parte final do texto destaca algumas ações práticas desenvolvidas pelo pastor a fim de impedir qualquer avanço para populações LGBTQIA+

Palavras-chave: Discurso conservador; Família ; LGBTQIA+; Escola.

¹Graduado em ciências sociais pela Universidade Regional do Cariri- URCA. Mestre em sociologia pela Universidade Estadual do Ceará. Email: edivalsaraiva09@gmail.com.

Entre os dois primeiros dias do mês de julho de 2023 vimos, em várias redes sociais, a repercussão de uma fala de um pastor e cantor evangélico, André Valadão. No vídeo em questão, vemos o pastor verbalizando críticas a população LGBTQIA+ acusando esse grupo de destruir o que se entende por família. O evangélico também culpabiliza as escolas e principalmente os professores, por serem responsáveis pela iniciação sexual infantil, tendo inclusive um papel ativo e influenciando os jovens no processo de transição sexual. Como base para suas argumentações, o pastor usa de algumas passagens da bíblia para justificar a naturalidade que o gênero possui em nossa sociedade. A palavra de Deus também serve como uma moleta discursiva para o pastor se porta como um antissistema, pois ao falar do seu espectro político afirma “não ser de direita, nem de esquerda, mas do céu², e ao falar isso coloca todo seu discurso no campo da neutralidade política.

A repercussão das falas de Valadão podem ser entendidas como sintoma da polarização política brasileira e isso fica evidente na forma como alguns parlamentares se manifestaram. Nomes como a deputada federal Erika Hilton (PSOL/SP) e o pastor, também deputado federal, Henrique Vieira (PSOL/RJ), vieram a público repudiar a fala do pastor, bem como ativaram a justiça contra as falas do pastor. Do lado daqueles que manifestaram apoio às falas proferidas por André Valadão tivemos figuras tais como Nikolas ferreira, deputado federal eleito pelo PL, bem como o senador Magno Malta, pastor e membro do PL³. Na fala daqueles que repudiam as colocações do pastor

²Embora em seu discurso André Valadão se apresente como “do Céu”, no que se diz respeito a política, vemos uma contradição ao seu discurso. Em diversas vezes o pastor critica o comunismo, tem apoio de figuras importantes da direita brasileira e que, durante o período eleitoral de 2022, propagou *fake news* sobre o então candidato Lula. São elementos como esses que nos fazem questionar essa suposta neutralidade política do pastor.

³É interessante pensar nesses dois nomes exemplificados no texto, pois ambos têm pronunciamentos e condutas que, além de corroborar com as falas do pastor André Valadão, em suas práticas, como parlamentares, atacam as minorias, principalmente a população LGBTQIA+. Basta lembrar do dia em que Nikolas Ferreira subiu em uma tribuna, colocou uma peruca e afirmou que agora estava se sentindo mulher e deveria se chamar Nikole, numa fala permeada de transfobia. Já o segundo político, também pastor, tem histórico relacionado a pautas LGBTfóbicas, sendo um dos idealizadores da chamada “ideologia de gênero” bem como mostrou oposição contra o projeto de lei que tornaria a homofobia crime (MENDONÇA, p.37, 2020).

destacam o lado criminoso do seu discurso, afirmam que ele incitou o ódio contra pessoas LGBTQIA+ e reproduz o discurso patriarcal sobre a família. Já os que defende o evangélico, em sua maioria políticos de direita, alegam que o mesmo sofre perseguições devido à sua religião, que suas falas seriam uma tentativa de salvar a família, de seu fim, e as crianças da ideologia de esquerda que os professores doutrinadores impõem em sala de aula.

No meio desse embate entre aqueles que defendem e os que acusam as falas do pastor, algumas colocações se fazem necessárias, tais como o que caracteriza o discurso conservador o qual o pastor foi acusado? Ele foi cometido pelo André Valadão? Como esse tipo de discurso impacta na vida de pessoas LGBTQIA+? Como as categorias mobilizadas pelo evangélico, como família e um apelo salvacionista às crianças, impede outras configurações familiares e reproduz uma visão conservadora de homem e mulher? E que função tem a escola e os professores frente a toda essa mobilização em relação a outras sexualidades possíveis? São questionamentos como os feitos anteriormente que guiará as reflexões deste trabalho.

Para corroborar com a discussão que seguirá utilizarei dois vídeos postados no canal do YouTube Lagoinha USA. O primeiro vídeo que já conta com 100 mil visualizações⁴ e tem como título *Teoria da conspiração*⁵ Já o segundo, foi nomeado de *Querem a sua cabeça*⁶ e atualmente conta com um total de 195 mil visualizações⁷. Esses dois vídeos aqui analisados compõem uma série de vídeos, iniciada com o *Teoria da conspiração*, onde o pastor planeja fazer pregação tendo como base o tema da censura. O principal argumento, a ser debatido, com base nos dois vídeos lançados até o momento da escrita deste texto, é a censura que os religiosos têm sofrido principalmente no âmbito da política.

⁴Dado retirado do YouTube no dia 13/02/2024

⁵O leitor pode acessar o vídeo pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=bNb49Jpc8Qo&t=941s>

⁶ Disponível no Link <https://www.youtube.com/watch?v=2kGgofOgMV8>

⁷Dado retirado do YouTube no dia 13/02/2024

Desse modo, analisarei esses dois vídeos atentando para a forma que o pastor articula suas ideias. Pegando momentos específicos de sua fala importantes para entender o discurso contra pessoas LGBTQIA+ ditos durante a pregação e de como o pastor, ao falar de temas como casamento homoafetivo, a família e utiliza a imagem das crianças acaba por gerar pânico moral na sociedade, e acaba tomando para si e para seus fiéis, a condição de vítima.

A escolha pela figura do pastor se dá sobretudo devido a sua quantidade de seguidores nas redes sociais, onde somente no Instagram o evangélico possui mais de 5 milhões de seguidores, ou seja, seu discurso tem um alcance considerável. Já um segundo motivo para a escolha do evangélico, tem como base uma reflexão realizada ainda nos anos de 1982, com o pensamento de Rubin ao mostrar que a politização do gênero e da sexualidade, bem como a figura da criança não é uma questão tão recente. Ao pensar sobre a relação entre sexualidade e política, a autora, uma das mais influentes no campo da pesquisa de gênero e sexualidade, afirma que

Os conflitos contemporâneos ligados a valores sexuais e condutas eróticas têm muito em comum com disputas religiosas de séculos anteriores. Eles adquirem imenso peso simbólico. As discussões relacionadas ao comportamento sexual muitas vezes se tornam veículos para *deslocar angústias sociais* e descarregar as intensidades emocionais concomitantes a elas. *Consequentemente, a sexualidade deveria ser tratada com especial cuidado em tempos de grande estresse social* (RUBIN, 2017, p.63/64, grifos nossos).

Essa citação nos coloca elementos importantes para pensar algumas características da fala do pastor. O mais importante talvez seja o deslocamento o qual se refere a autora, pois algumas das falas do pastor causam um pânico nas pessoas. Tomemos como exemplo uma fala do pastor. Em uma das falas afirma que existem pessoas transexuais lendo histórias para crianças, e que, segundo o evangélico, seria um incentivo para que crianças virassem transsexuais. Os corpos de pessoas trans são constantemente evocados durante a fala do pastor. Assim, pensar nesses corpos em um

país como o Brasil que, no ano de 2022 matou 131 pessoas transsexuais (BENEVIDES, 2023, p.26) e que essa parcela da população é vista como doente, imoral, corrompida, cuja vida não merece ser vivida e que estão tirando os direitos da “mulher de verdade”, argumentos que aparecem para deslegitimar a existência desses corpos trans. E quando o pastor associa isso com a quebra de uma inocência infantil, acaba por criar em seus ouvintes uma sensação de medo e de que as crianças devem ser protegidas desses indivíduos moralmente questionáveis.

Outro fator que nos leva a destacar a importância de debater o tema do gênero e da sexualidade para além do que destaca Rubin, em momentos em que a disputa política em torno dessas categorias está a todo momento dentro dos jogos de poder, podemos estender esse debate juntamente com as reflexões propostas por Segato (2012), onde a pesquisadora analisa como a(s) esquerda(s) e direita(s) enquanto ideologias políticas tendem a mobilizar essas categorias de gênero e sexualidade com base em seus projetos políticos. Essa reflexão se torna útil enquanto, como já destacado nesse texto, no Brasil essa polarização política tornou-se mais visível, e desse modo, a disputa narrativa em torno de temas relacionados ao gênero e sexualidade, como a questão da família, do casamento entre pessoas do mesmo sexo e a função da escola frente as questões da sexualidade está a todo momento colocada em debate por diversas parcelas da sociedade.

Nas falas proferidas pelo pastor, vemos que essas questões referentes a gênero e sexualidade, o medo da destruição da família e a preocupação com as crianças, são colocadas, às vezes de maneira explícita, outras mais veladas, mas que elas estão lá. Desse modo, o evangélico, nos dois vídeos objetos de análise deste texto, defende a “família tradicional”, se mostra contrário ao casamento entre pessoas do mesmo sexo e critica a educação de crianças, que seria doutrinadora. Podemos então perceber que em todas essas falas, como veremos com mais detalhes, o pastor ataca de maneira violenta a população LGBTQIA+.

Aqui, antes de prosseguir com a análise das falas do pastor, cabe uma observação. Só podemos entender esse discurso conservador, o qual a fala do pastor se insere, nas disputas políticas, ou seja, em um primeiro momento torna-se

necessário entendê-lo dentro do campo de debate da política. Assim, deixamos de lado a discussão do comportamento humano e nos colocamos no lugar de onde é plausível visualizar melhor o conservadorismo (SEPULVEDA; SEPULVEDA, 2006, p.143).

Desse modo, não devemos entender as falas do pastor como algo associado apenas a sua imagem ao individual, fora do contexto político em que elas estão inseridas e sendo ditas. Além disso, devemos compreender que esses discursos são ditos por um indivíduo que, embora não participe da política institucional, ou seja, possui cargos associados diretamente a política, e que grande parte desse discurso se constroi na neutralidade política e antissistema, tem sua fala tomada como referência pelas pessoas no momento de tomada de decisões no que se refere à esfera políticas, mas na forma como os seus fieis veem a sociedade e a população LGBTQIA+. Isso fica evidente na quantidade de votos que Jair Bolsonaro teve dos evangélicos, onde encontramos apoio de vários líderes deste segmento religioso e como a maioria dos eleitores do ex-presidente tem o discurso alinhado a essas questões consideradas conservadoras, principalmente associadas ao casamento homoafetivo e a “família tradicional”. Desse modo, não devemos entender a fala de Valadão como algo de um indivíduo, mas como toda uma estrutura política que tem no mundo binário, seja na ordem da política ou do gênero de sua base.

Feita essas considerações prévias, a forma como este trabalho se desenvolverá se dará, em um primeiro momento de entender academicamente o conceito de discurso conservador a fim de caracterizá-lo e como as falas de André Valadão podem ser entendidas como conservadoras e como essa modalidade de discurso desencadeia uma onda de ódio para com a população LGBTQIA+. Já em um segundo momento

analisaremos alguns fragmentos da fala do pastor com base em dois pontos que julgo importantes. O primeiro ponto seria entendermos a defesa que o pastor faz da “família tradicional” e do gênero como uma categoria estática, natural, e qualquer violação dessa norma heteronormativa seria um afrontamento a palavra de Deus. Ou seja, o pastor acredita que apenas existe homem e mulher, apenas isso. Associando a naturalidade do gênero, o pastor, ao falar de família, aborda o tema do casamento, acreditando que o casamento homoafetivo trouxe tudo de negativo que estamos vivendo hoje. Um segundo ponto que trago para debate, tendo como base a fala do evangélico, é a relação entre escola e as questões de gênero e sexualidade. Nas suas falas o pastor utiliza-se da figura das crianças para proferir uma série de ataques à educação e aos professores, afirmando que os mesmos seriam responsáveis por transformar as crianças em transsexuais. A parte final do texto se dedica a analisar as ações que o pastor tem realizado e que possui uma dimensão concreta e que afeta diretamente a vida dos sujeitos cuja existência é atacada pelo evangélico em seu discurso.

Discurso conservador elementos teóricos para se pensar o caso

Antes de prosseguir com a análise das falas do pastor, uma reflexão, ainda que breve, acerca do conceito de discurso conservador, objetivando elencar elementos que nos possibilite, de maneira teórica, analisar as falas do evangélico.

Em primeiro lugar devemos colocar que “as palavras, como as ideias e as coisas que elas pretendem significar, têm uma história” (SCOTT, 1995, p. 71). Assim, os conceitos e as noções atribuídas a eles devem ser pensadas em contextos históricos específicos, ou seja, os conceitos podem ser considerados como categorias em constante disputa, portanto dentro do campo político. Destaco isso, pois discurso conservador não pode ser pensado enquanto conceito encerrado, mas as categorias, de modo geral, devem ser entendidas em um contexto específico e assim, suscetível a mudanças e nesse

sentido devemos considerar as categorias dentro de um embate político e assim, de disputa.

Em muitas falas daqueles que criticaram a postura do pastor encontramos argumentos que definem suas falas como, além de homofóbicas, com um forte teor conservador. Entretanto, esse termo vem sendo bastante utilizado no debate público e muitas vezes de forma rasa, sem uma reflexão do que o termo significa e, devido a esse processo, o termo acaba por perder força em termos de análise e até em mobilização política. Devido a isso, refletir sobre o que seria um conservador se faz necessário. Justamente devido ao seu uso indiscriminado esse conceito requer um grande cuidado, pois

A inexistência de uma teoria política comum que defina os conservadores e a dificuldade dos conservadores em sistematizar suas próprias ideias complica mais ainda a compreensão do termo. Com isso, o uso da palavra entra no cotidiano com sentidos variados, ganhando vida e sendo apropriado, muitas vezes, como forma de xingamento (SEPULVEDA; SEPULVEDA, 2016, p.142).

Não acredito que uma teoria unificada sobre determinado tema seja algo necessariamente positivo, penso que o debate, principalmente nas ciências sociais, é crucial para o desenvolvimento da disciplina e do pensamento. Contudo, devemos atentar para a utilização dos conceitos, pois os mesmos, devido ao seu uso sem criticidade e em demasia, tendem a ter seu sentido esvaziado e naturalizado na sociedade. Além disso, ver como determinados conceitos são manejados por diferentes atores, nos ajuda a compreender a dinâmica social. E pensar o conceito de discurso conservador dentro destes termos se mostra interessante. Ainda mais considerando o contexto brasileiro em que o substantivo conservador é muitas vezes utilizado como uma ofensa, principalmente por setores mais à esquerda e dentro do espectro político da direita, ser conservador é dotado de uma positividade, um motivo de orgulho. Então, atentar para essas nuances sobre esse termo se faz necessário.

Defino agora o que seja discurso conservador. De acordo com Sepulveda; Sepulveda, (2016) temos uma retórica conservadora “quando os argumentos são

empregados para evitar qualquer transformação na ordem social ou melhorias reais para as classes trabalhadoras ou qualquer grupo minoritário” (p. 872). Essa definição é importante, por incluir nessa definição todo grupo que, de alguma maneira, tente alcançar alguma melhoria de condição e de algum modo é impedido de conseguir. Assim, discursos que se mostram contra cotas raciais, salários iguais entre os sexos, que deslegitimam a existência de corpos transexuais, ou seja, que impeça alguma melhoria para determinados grupos, figura discurso de ódio.

Estes discursos, em sua materialidade, impedem que pessoas negras tenham acessos a lugares, seja no mercado de trabalho ou em uma faculdade, por exemplo, ocupados por brancos. Interfere no reconhecimento de outros corpos para além do masculino e feminino. Impede que a mulher não tenha direito sobre seu próprio corpo. Desse modo, o discurso conservador é um discurso que segrega, hierarquiza, estagnam sujeitos que não se enquadram na ordem, não merecem ter direitos e muito menos suas existências reconhecidas. Sua realização se dá por vários meios. Através do uso da fé das pessoas, utilizando-se da palavra de Deus para justificar a LGBTfobia. O discurso científico também pode ser utilizado para justificar a inferioridade feminina ou para a normalização de determinados corpos e patologização de outros.

Vemos a palavra de Deus ser utilizada para impedir avanços de grupos, principalmente aos que fogem a norma da heterossexualidade, tendo os seus relacionamentos, organização familiar, modos de ser, atacados e questionados por meio uso do livro sagrado, e que através deste, impõem-se uma prática conservadora que tem em vista impedir qualquer avanço a outros grupos que não aqueles que seguem a norma.

Devo dizer ao leitor que não estou fazendo juízo de valor ao que se encontra escrito na bíblia, ou a qualquer religião e seus fieis. Contudo, devemos nos atentar para o uso feito da religião e do nome de Deus por parte de sujeitos, que possuem legitimidade dentro do campo religioso, como é o caso de André Valadão, para justificar seu discurso conservador. E resalto aqui o que já foi dito anteriormente, que esse tipo de ação só pode ser entendida em uma dimensão política, onde vemos cada vez mais a

palavra de Deus ser usada para fins ideológicos, em que a religião é utilizada como argumento para a aprovação, ou não de leis e pautas na política, impactando a vida de várias pessoas.

Outra característica que devemos nos atentar ao pensar o conservadorismo é sua relação umbilical com a tradição. Desse modo pode-se dizer que

o conservadorismo nasce do tradicionalismo; portanto, tem um forte significado social e identitário, tornando mais fácil, para uma parcela da população, se identificar com seu discurso. Isso já potencializa a já mencionada carga emotiva do termo. E tal potencialização impulsiona a organização de grupos proativos em defesa da “moral e dos bons costumes”, muito em voga atualmente no país e no mundo (SEPULVEDA; SEPULVEDA, 2016, p.876).

Essa citação nos faz entender a adesão de evangélicos, por exemplo, a ideologias próximas à direita e à extrema-direita aqui no Brasil. Tendo suas ações justificadas na tradição, esses grupos religiosos não aceitam que esta tradição mude, reivindicam sua eternidade e sua imutabilidade e qualquer tentativa de transformação é vista como um desrespeito e ameaça⁸. E os indivíduos, como forma de resistência a mudanças, tendem a se unir e formar um grupo cada vez mais crescente e com discursos cada vez mais violentos.

Uma segunda relação que podemos entender a partir da citação supracitada é a ligação entre a noção de tradicionalismos e a defesa da “moral e dos bons costumes”. Embora esse termo tenha ganhado força, em especial nos últimos anos, sua argumentação não é recente e podemos encontrar vestígios dessa retórica salvacionista no período da ditadura civil-militar. Ao se referir ao contexto ditatorial, Quinalha afirma que

⁸Essa questão da tradição é tão forte nos indivíduos que Weber (1994, p. 148) chega a classificá-la como um tipo de dominação que ocorre quando ‘sua legitimidade repousa na crença na santidade de ordens e poderes senhoriais tradicionais (“existentes desde sempre”)’. Chamo atenção ao leitor para uma característica que Weber coloca entre aspas, a ideia de que a tradição é algo eterno e por isso não deve ser transformada. Embora o autor esteja escrevendo no século XX, essa ideia ainda se encontra bastante enraizada atualmente, principalmente se considerarmos as questões referentes a gênero e sexualidade.

A retórica da moralidade pública e dos bons costumes foi central na construção da estrutura ideológica que deu sustentação à ditadura de 1964. A defesa das tradições, a proteção da família, o cultivo a valores religiosos cristãos foram todos, a um só tempo, motes que animaram uma verdadeira cruzada repressiva contra setores classificados como indesejáveis e considerados ameaçadores à ordem moral vigente (2021, p.22).

Este trecho pode ser lido como uma espécie de síntese de tudo falado aqui acerca do discurso conservador. A justificativa de impedir pessoas de conseguirem direitos tem suas bases no tradicionalismo e na religiosidade, duas características que aparecem no discurso conservador, e que podemos ver com clareza nas colocações do pastor André Valadão. Onde vemos uma simbiose entre o discurso religioso e o discurso conservador, principalmente para se pensar instituições consolidadas no imaginário da população, tais como a família e o casamento, que serão analisados adiante.

Talvez a pauta da moral e bons costumes a defesa das tradições justifique, em partes, as semelhanças entre discursos realizados no período ditatorial e os que ganharam força na campanha eleitoral que elegeu Jair Bolsonaro como presidente da república, onde figuras como André Valadão foram peças cruciais para a disseminação, continuação e reatualização do discurso conservador. Além disso, vemos um crescimento constante de pessoas pedindo a volta da ditadura civil-militar alegando um retorno às bases, a tradição, a família tradicional, da família de Deus pela liberdade e o ódio ao comunismo, utilizadas na ditadura civil-militar e que encontramos nas falas de Valadão em 2023, para disseminar o ódio e ideias conservadoras contra aqueles que lutam pela liberdade e a situação de opressão.

Além disso, este discurso se utiliza de uma ideia moralizante para reprimir sujeitos que colocam em xeque a moral conservadora e são assim nomeados como moralmente impuros ou que estão corrompendo a moral, e a população LGBTQIA+ é uma das mais atingidas por esse discurso. Pois pessoas com identidades não-normativas estão a todo momento tensionando essa moralidade de grupos conservadores no que tange ao gênero e a sexualidade.

Podemos então sintetizar o discurso conservador como sendo aquele que visa impedir grupos de terem acesso a direitos, impedindo qualquer tipo de avanço social. Os que utilizam deste discurso geralmente tem suas justificativas baseadas, principalmente, na manutenção de uma tradição e na religiosidade. Esses discursos tendem a possuir um caráter de não aceitação do outro, sempre o colocando em um lugar inferior e o ódio também torna-se uma característica comum. Desse modo, o ódio, e a forma como ele se manifesta através do discurso, pode ser uma das características que pode ser associada ao discurso conservador.

O discurso conservador ganha ainda mais aderência de parcela considerável da população devido a enorme quantidade *fake news* que causam certo pânico na sociedade. Podemos citar como exemplo a mamadeira de piroca e o kit gay distribuído nas escolas, a ideia de que os professores estariam doutrinando as crianças a serem transsexuais e que a ideologia feminista bem como o movimento LGBTQIA+ tinha como objetivo central a destruição da família e extermínio do masculino são alguns exemplos que nos ajuda a pensar o discurso conservador e como as *fake news* são manejadas como estratégias políticas para barrar avanços e direitos a essa parcela da população.

Tendo caracterizado o discurso conservador, agora partiremos para a análise das falas do evangélico André Valadão, pensando em como ele articula as categorias de casamento, família e o espaço escolar para disseminar o ódio contra as pessoas LGBTQIA+. Famílias não podem existir, na concepção do pastor, se não forem compostas de marido, mulher e filhos. Já o casamento homoafetivo seria, além de uma forma de destruição da família tradicional, o responsável por todos os males que estamos presenciando. Ainda segundo a retórica que será analisada a seguir, o espaço escolar é visto como um ambiente onde as crianças são incentivadas a pensarem que homem e mulher não existem e que a “ideologia de gênero” é disseminada nos currículos através dos “professores doutrinadores”. Assim, toda a fala do pastor é

construída com base em um conservadorismo que tem em vista excluir qualquer outra possibilidade que não a norma e barrar qualquer avanço para essa população.

O medo da destruição da “família tradicional”

Uma das palavras mais ditas pelo pastor nos dois vídeos aqui analisados é a família. Neles, a família aparece como algo natural, estável e que não deve ser mudada. O casamento é outro tema que aparece com frequência e, segundo o evangélico, o casamento entre pessoas do mesmo sexo “não é o fim, mas é a porta que abriu para tudo isso que está acontecendo”. O pastor continua afirmando que “não é possível um crente aplaudir, aplaudir, um casamento homoafetivo”. Desse modo, o casamento entre pessoas do mesmo sexo seria responsável pela destruição da família, concebida como homem, mulher e filhos. Com essa concepção do pastor, tanto do casamento como de família com base heterossexual, seriam referência para o modelo ideal de organização familiar e matrimonial e de contrapartida, tudo aquilo que escapa desse modelo, que tensionam as idealizações do evangélico seria um insulto a formação tradicional e divina destas categorias.

Em um momento do vídeo intitulado *Teoria da conspiração*, o pastor afirma que o governo está mudando a noção de família, transformando aquilo que seria o “dia dos pais” e “dia das mães” em “dia da família”. Mas essa família a qual se refere Valadão não é a que ele e a maioria de seus fieis defende. Essa família destacada pelo pastor adquire uma nova configuração, que destoa e destroi a “família tradicional”. Agora torna-se comum, nas palavras do pastor, “a família ser o que você quiser. Ser mamãe-mamãe; papai-papai; cachorro-papai; gato-mamãe; o que você quiser. Pode chamar bicho de filho”. Seguindo o raciocínio, o evangélico diz que “a porta que você chama cachorro de filho é a mesma porta que, em algum tempo, vão está casando com cachorro”. Nessa mesma sequência de falas, Valadão ataca não apenas outras formas de agrupamentos, que segundo ele são formações familiares, como também ataca a união

afetiva que só provariam que o mundo está de cabeça para baixo, promíscuo e cheio de libertinagem.

O exemplo dado pelo pastor pode beirar o absurdo, afinal um casamento com cachorro? Mas esses não são os únicos exemplos no qual o absurdo impera. No vídeo *Querem a sua cabeça*, o pastor afirma que existem leis que proíbem as pessoas de realizarem suas orações. Ainda apelando para um viés religioso para mobilizar quem está escutando, o pastor afirma que o então candidato Lula, caso eleito, iria fechar igrejas e impedir os evangélicos de professarem sua fé. Essas falas podem ser entendidas como uma estratégia política para mobilizar votos de setores evangélicos e conservadores para Jair Bolsonaro, que surge como candidato à reeleição com seu lema “Deus, Pátria e Família” e com um forte viés tradicionalista e conservador.

Outra forma de mobilizar o medo dos indivíduos, para além da suposta perseguição religiosa, se dá pela instrumentalização dos conceitos de gênero e sexualidade. Desse modo, tornou-se comum observarmos esses assuntos nos discursos de lideranças religiosas, como André Valadão. Nas falas desses sujeitos vemos disseminação de ódio contra as minorias, principalmente os dissidentes sexuais e de gênero, em especial as figuras das travestis. Além disso, vemos disseminação de notícias falsas como o *kit gay*, a mamadeira de piroca, entre outros exemplos que se tornaram comum no imaginário do brasileiro e que se transformaram em ataque à população LGBTQIA+. Mobilizar o medo, a insegurança, o ódio mediante notícias falsas tornou-se um instrumento político de construção de um discurso conservador que busca a todo momento justificar o ódio ao diferente, bem como impedir qualquer dignidade a essas vidas.

Com base no que foi exposto fica evidente que

os conservadores também tratam a sexualidade como fruto da natureza humana, ou seja, não existiria orientação sexual, mas determinação a partir do gênero masculino ou feminino. Portanto, a ordem natural para esse grupo é a heterossexualidade.[...] Outro elemento fulcral apresentado por esse grupo é o da centralidade da preservação da família. Para os agentes religiosos, em especial, a defesa do modelo nuclear de família é a matriz organizadora de suas posições (DE MENDONÇA; DE MOURA, 2019, p.208).

Podemos articular essa citação com elementos presentes na fala de Valadão. A heterossexualidade, na mentalidade dos conservadores e do evangélico, aparece como norma, algo justificado por Deus, portanto divino. Além disso, a heterossexualidade seria própria da natureza humana, associada a sua essência. Mesma lógica pode ser estendida para a noção de família, cuja divindade está assegurada na palavra de Deus. Assim tanto a família como a heterossexualidade são descoladas de sua dimensão política e histórica. E qualquer outra possibilidade de organização familiar ou estrutura matrimonial é encarado como desvio, pecado, promiscuidade e loucura, termos usados por André Valadão durante suas falas para se referir as pessoas LGBTQIA+.

Para endossar sua retórica, o pastor utiliza-se de exemplos para demonstrar o que seria a imagem de uma família perfeita. De forma nostálgica, Valadão nos leva a um comercial de margarina. Na imagem proposta pelo evangélico, “o pai acorda, dá um beijo na esposa e em seguida beija o filho”. Após essa demonstração de afeto, “a família (tradicional) senta na mesa e passam a margarina no pão”. Aí vemos uma família perfeita composta por pai, mãe e filhos, felizes e alegres, nas regras de Deus, em outras palavras, o tipo de formação familiar defendida por Valadão e por adeptos ao discurso conservador.

Outra dimensão merece destaque para se pensar a família, a citar a desigualdade entre os sexos e a subordinação feminina. Aqui cabe retornar uma reflexão proposta por Marx e Engels (2007), de que a família, além de ser a primeira manifestação da propriedade privada, o homem, provedor, seria o chefe e por isso teria poder sobre a mulher e os filhos. Ou seja, a família também seria um importante instrumento na manutenção do patriarcado, da dominação masculina e da subordinação feminina. Isso

também pode justificar vários ataques feitos à feministas por parcela considerável de pessoas que se denominam conservadoras. Essa comunidade alega que o feminismo seria responsável não só pela destruição da família patriarcal/tradicional, como seu principal objetivo seria impor a superioridade feminina e a destruição do sujeito masculino e tudo que ele representa. Por isso mexer na estrutura familiar é vista como um perigo para os conservadores, pois muda toda uma estratégia de poder, que interferem diretamente na vida de pessoas LGBTQIA+, que não tem suas famílias reconhecidas, mas tem impacto direto na manutenção do patriarcado, que legitima assim, a subordinação feminina e dominação masculina.

Essa reflexão acerca da família nos ajuda a pensar a forma como ela é mobilizada no discurso do pastor e de como essas falas podem ser associadas a um discurso conservador. Nas falas do evangélico, cabe a família educar seus filhos com base na palavra de Deus, levar os jovens ao culto domingo, e segundo ele, o Estado estaria tirando esse poder dos pais. Assim, o pastor, ao mesmo tempo que não aceita outras formações familiares, coloca a família como a responsável pela educação das crianças e dos jovens que, diferentemente da educação doutrinária do Estado, não estariam influenciando as crianças e nem os jovens a serem transsexuais. Desse modo, a educação teria um caráter familiar e acima de tudo, religioso, diminuindo o papel do Estado.

Aqui entramos em outro ponto recorrente nas falas do evangélico, que diz respeito à educação. Talvez esse seja o ponto que o pastor mais ataque a política e do governo, tentando mostrar-se neutro, bem como o intensifica o ataque a população LGBTQIA+. Considerando a centralidade da questão educacional nas falas do pastor, no próximo tópico pensaremos como a escola e a educação tornou-se palco de embate político e disputas de pautas, principalmente ao se pensar gênero e sexualidade.

Escola: O medo das *Drags*, do pensamento crítico e de “professores doutrinadores”

Uma das questões que o pastor mais coloca na suas falas é a defesa do jovem e de como a escola é uma questão fundamental no processo de formação sexual destes. Uma primeira consideração a ser levantada para entender a relação entre os jovens e a educação sexual vem do pensamento de Rubin (2017) aonde “a ideia de que o sexo *per se* é prejudicial aos jovens está inculcada em estruturas sociais e legais cujo objetivo é mantê-los afastados do conhecimento e da experiência do sexo” (p.65). Com base na citação, vemos que uma das formas de manter a estrutura social em relação ao gênero e a sexualidade é privar os jovens desse debate, impor a heterossexualidade como norma. Essa privação também é uma forma de interditar o jovem do contato com o diferente, de outras formas possíveis de experimentação da sexualidade que não a heterossexualidade. Por isso, pensar a imagem do jovem e das crianças no debate acerca do gênero e da sexualidade e como se dá a educação desses sujeitos é importante para mobilizar as pautas conservadoras e estimular o ódio ao diferente. Por isso o discurso conservador tender a querer moldar a sexualidade dos jovens, bem como o uso de seus corpos, normalizar o sexo heterossexual, homem-mulher e pênis-vagina, e garantir a perpetuação das famílias. E para isso dissemina discurso de ódio para com aqueles que fazem outros usos de seus corpos para a obtenção de prazer, condenam toda a forma de sexo para além de seu caráter reprodutivo.

Na fala do evangélico é comum vermos isso, os jovens são constantemente evocados com uma parcela da população que precisa ser salva e que não tem capacidade de tomar decisões, que deveriam ser tomadas com o auxílio da família. Segundo o pastor, os pais estariam perdendo espaço para o Estado nesse processo, e que, através da educação mediado por “professores doutrinadores”, as escolas estariam incentivando os jovens a desviarem-se sexualmente.

Como forma de evidenciar a importância dos jovens no discurso conservador e como peça fundamental no debate político, a fala reproduzida a seguir pode ser bastante ilustrativa. Nos fala de Valadão: “O inferno quer tomar nossos jovens. O inferno quer tomar seus filhos”. Prossegue o evangélico “eles querem nossos jovens. Eles querem mudar o nome dos nossos filhos. Eles querem mudar a identidade dos nossos filhos”. O “eles” na fala do pastor se refere ao Estado, na figura do professor doutrinador, que estaria influenciando os jovens a seguirem uma vida de pecado, de não seguirem a ordem familiar e por isso estariam condenados ao inferno. O jovem, na concepção do pastor, e dos adeptos ao seu discurso, deve ficar sob o comando da família, da religião e da palavra de Deus. Por isso a família, bem como a palavra de Deus, é quem devem ser os instrumentos pelo qual os jovens devem guiar suas ações. No mundo ideal de André Valadão, os professores ideais para a educação dos jovens seria a família do comercial de margarina e livro a ser usado na educação desses jovens seria a bíblia, onde estaria todas as regras essenciais para a educação dos jovens.

O pastor segue sua argumentação com ênfase na escola . O espaço educacional surge em suas falas como um espaço no qual os jovens são colocados no mundo da promiscuidade. A fala a seguir ilustra o pensamento do evangélico: “A linguagem do inferno é entrar nas escolas e tocar naquilo que é mais raso e a partir disso abrir portas para toda a promiscuidade na vida das pessoas, na sexualidade. Ensinar crianças a se excitarem, a terem prazer em áreas que nunca imaginaram e nem saber o que fazer com aquilo. Mas a partir disso abrirem espaço para toda forma de promiscuidade”. Ou seja, a escola seria para os jovens o local em que eles aprenderiam a tornar-se dissidentes sexuais, aonde aprenderiam novas práticas sexuais , dos usos do corpo e de outras possibilidades de obtenção de prazer através do sexo que não apenas o reprodutivo, em outras palavras, aonde toda forma de libertinagem é permitida.

A escola pode ser pensada como um espaço onde novas visões, concepções de mundo, são confrontadas, é um espaço no qual a *socialização primária*, ou seja, “a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância [...]” (BERGER,

LUCKMANN, 2012, p.169), entra em conflito com a *socialização secundária*, onde o sujeito é inserido “é inserido em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade” (ibidem). A primeira forma de socialização teria a família como base, já na segunda a escola é uma das instituições que melhor representa esse tipo de socialização. Devido a essa ruptura, em que o jovem tem um certo distanciamento da realidade familiar ao entrar na escola, pois o mesmo entra em contato com o diferente, a escola torna-se peça fundamental na formação dos sujeitos. E por isso sua importância no debate político, principalmente em relação à questão de gênero e sexualidade.

Devemos entender então a relação entre a educação, o discurso o conservador e o argumento religioso associado a ele como um espaço de disputa política. Desse modo

a ofensiva de lideranças religiosas e setores conservadores na educação brasileira através da temática de gênero e orientação sexual mobilizou inúmeros segmentos sociais e afetou o imaginário social através das “ameaças” que a presença desses temas na escola representaria para as famílias, para as crianças e para a sociedade (DE MENDONÇA; DE MOURA, 2019, p.207).

Por isso se torna comum vermos o discurso conservador pautar debates políticos acerca da escola e da função que ela desempenha nos jovens. O movimento escola sem partido, a defesa do *Homeschooling* são alguns exemplos de mobilizações práticas de setores conservadores para impedir avanços sociais, e, se tratando de sexualidade, buscam uma agenda em que normatiza a heterossexualidade, que solidificam a noção de “família tradicional”. Para isso utilizam-se do medo para mobilizar as pessoas a acreditarem que as escolas seriam um ambiente permissivo, de transformação dos corpos e de aprendizado de outras sexualidades. Então a escola, por ser esse ambiente destoante da moral desejada pelos conservadores, deve sair das mãos do Estado e ser direcionado para a família que, com base na bíblia, seria a mais adequada a educar os jovens pelo caminho moralmente aceitável.

Dentro desse debate sobre a educação, o que mais chama atenção é a importância que André Valadão dá a figura da *Drag* nas escolas. O pastor, inúmeras

vezes, afirma que pessoas *Drags* estão entrando nas escolas e ensinando as crianças a práticas sexuais subversivas. É comum encontrarmos em suas falas afirmações como “você começa a ver *Drag queens* entrando de nossas salas de aula, para as nossas crianças, querendo ensinar sexualidade para as nossas crianças. Querendo ensinar crianças a escolherem ser o que elas quiserem. Crianças hoje tendo liberdade para definir e serem mutiladas nos seus órgãos genitais, a partir de uma decisão que uma criança toma. Por quê? Presta atenção no que eu te falo. Porque, a partir do momento em que a criança decide, mesmo sem a autorização dos pais, o governo tem autoridade sob aquela criança”. Aqui, o evangélico critica não só a ação do Estado, que estaria permitido a entrada de pessoas *Drags* em escolas, assim como negativa a imagem das pessoas *Drags*, associando a toda forma de permissividade e moralmente perigosas, já que põem em cheque a moral dominante. Além disso, o uso do termo criança, de maneira recorrente, é uma forma de atentar os pais ali presentes, dos “perigos” que suas crianças estão correndo ao frequentar a escola.

O pastor a todo momento está se colocando, bem como sua religião, em uma posição de perseguição, em especial pela população LGBTQIA+. Segundo ele, esse grupo, estaria adentrando em espaços que estariam sendo negados aos religiosos. Essa perseguição relatada pelo evangélico fica evidente em uma de suas falas onde afirma que “*Drag queens* podem entrar nas escolas e doutrinar crianças. Pastores e missionários não podem”. Aqui, mais uma vez, a imagem da *Drag* é utilizada para mobilizar medo e disseminar ataques e criando uma noção de perseguição, corroborando a ideia de que o mundo estaria um caos, pois Deus estaria perdendo lugar na sociedade.

Mobilizar o medo através da identidade de *Drag* não é acaso. Pois como nos mostra Butler (2017) a identidade *Drag* ao brincar com as noções de gênero, acaba por mostrar o caráter político do gênero e da sexualidade. Isso quer dizer que “a *performance* da *Drag* brinca com a distinção entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo performado”(p.237). Em outras palavras, a *Drag* questiona a estabilidade

das categorias homem e mulher, nos faz pensar a sexualidade para além do binarismo. Tensiona e coloca o gênero como uma construção, um processo, imbricado no social e ao fazer isso, a autora o coloca em uma dimensão política, de disputas, e destacar a imagem das *Drags* é dar uma importância política a essa identidade nesse processo.

Devido à dimensão política e de tensionamento das identidades que a figura da *Drag* tem, atacar essa identidade da forma como Valadão a faz tornar-se uma estratégia para criar medo e pânico nos seus ouvintes. Dito isso, além de fazer acreditar que essas minorias estariam tomando direitos, com auxílio do governo, e ao fazerem isso, estariam diminuindo os direitos dos cidadãos de bem, que defendem a família, a moral e os bons costumes. E com base nesses argumentos, justificar as pautas conservadoras.

Essa relação estabelecida pelo evangélico entre escola, religião, família e gênero não fica apenas no campo discursivo. No vídeo intitulado *Querem a sua cabeça*, o evangélico, com entusiasmo, anuncia a construção de uma escola que sintetiza todo o seu projeto de ataque às escolas e a população LGBTQIA+.

O pastor, infla o medo de seus fiéis afirmando que “nossos filhos estão sendo corrompidos. Nossos jovens estão entrando na faculdade e sendo destruídos. Em um, dois meses se tornam militantes”. Em seguida, para dar mais concretude a sua fala, utiliza-se de “dados”⁹ e diz que “em seis meses de aula, 97% dos jovens cristãos se desviam”. Esses dados causam um temor a quem escuta, pois apenas 3% dos jovens, ao entrarem na faculdade, tem salvação e por isso a família deve ser uma interventora direta dessa situação apontada por Valadão.

Essa escola pode ser entendida como uma espécie de síntese de tudo aquilo verbalizado por Valadão nos dois vídeos aqui analisados. A educação estaria sob o domínio familiar, e não do Estado. A criança estaria protegida e não teria sua sexualidade explorada por *Drags*, mantendo sua heterossexualidade natural. A religião seria a base da educação e nesse sentido, a criança cresceria obedecendo às leis de Deus e assegurando a moral e os bons costumes.

⁹ Coloco o termo dados entre aspas, pois não encontrei a fonte a qual o pastor se utiliza para tal afirmação.

Trazer esse exemplo da construção da escola projetada por Valadão nos mostra que a mobilização dos conservadores vai além da dimensão discursiva, possui uma dimensão concreta, que impacta diretamente na vida das pessoas. O discurso conservador, ao impor suas pautas, busca, baseando-se em uma ideia de tradição, impedir direitos importantes para populações que historicamente tiveram esses direitos negados. O não reconhecimento de famílias compostas por casais homoafetivos, a patologização de corpos fora do padrão de gênero e sexualidade. São uma série de argumentos, como a proteção das crianças e dos jovens, de perseguição religiosa que adensam e potencializam o medo e o ódio, principalmente contra pessoas LGBTQIA+, que além de negação de direitos fundamentais, tem sua vida ceifada, muitas vezes de maneira brutal.

Considerações Finais

Com este trabalho buscamos compreender as falas do pastor evangélico André Valadão em dois vídeos específicos, *Teoria da conspiração* e *Querem a sua cabeça*, ambos divulgados no canal de sua igreja, a Lagoinha. Percebemos que nos dois vídeos, Valadão defende a “família tradicional”, se coloca contra o casamento homoafetivo, como uma forma de salvar as crianças e ataca de maneira enfática a educação que os jovens vêm recebendo na faculdade. Utilizando de uma retórica salvacionista de que os jovens precisam ser salvos e de que o sistema estaria, junto com a mídia e o governo, estariam articulados para destruir tudo de mais sagrado, a família tradicional e a sexualidade dos jovens, que estaria sendo corrompida, com o aval do Estado, ao permitir que *Drags* entrem em salas de aula e influenciem crianças e jovens a mudarem de sexo e mutilarem seu corpo . Sempre se valendo de *Fake news* para mobilizar o medo e o pânico, fazendo o discurso conservador ter mais adeptos.

O pastor também, e em vários momentos, se coloca como antissistema, buscando atribuir neutralidade em suas falas. Deus, a religião e a bíblia são os

instrumentos pelos quais o pastor justifica seu argumento e sua ação na terra, colocando a política associada ao humano e que seria contra os princípios religiosos. Entretanto, em muitos momentos, o pastor utiliza argumentos como atacar a mídia, a Venezuela, chega a comparar o Nazismo e o Comunismo e afirma que os governos estão unidos para acabar com Deus na terra. Joga dados que não condizem com a realidade, bem como utiliza de exemplos que beiram o bizarro para amedrontar aqueles que o ouvem.

Contudo, ao analisar mais detalhadamente as falas do evangélico, percebemos uma certa consonância entre suas falas e um movimento crescente no Brasil concretizado na imagem de Jair Bolsonaro. Ou seja, o movimento conservador, que busca, em sua essência, proteger a família tradicional e as gerações futuras, bem como barrar qualquer tentativa de avanço a populações que, cuja existência, tensionem a norma e a moral dominante. Assim, de certa maneira, ao se colocar como neutro, ajuda a construir um projeto político de extrema-direita que foi essencial para eleição desse grupo aqui no Brasil.

Sempre se colocando no lugar de vítima e que, se não agirem, serão aniquilados, destruídos desse mundo. Afirma que a sociedade os coloca como conspiradores por pensarem diferente do sistema, por não aceitarem o que o Estado diz. Afirma que os cristãos estão sendo censurados, são acusados de serem homofóbicos e impedidos de professarem pelo simples fato de serem cristãos, de seguirem a palavra de Deus, que em suas falas aparece como a verdade. Diz que atualmente são acusados de utilizar o evangelho para disseminar ódio e que por isso estão sendo impossibilitados de falar.

Podemos então compreender as falas do pastor como exemplo de discurso conservador. Percebemos que a principal característica do destes tipos de discursos é o impedimento de avanços a determinados grupos da sociedade, baseados principalmente em uma ideia de tradição e que os valores devem ser preservados e que a ideia de “moral e bons costumes” é essencial nesse processo. Esse tipo de discurso não surge agora e pode ser entendido como um processo que se reatualiza, ganha uma nova

roupagem, mas que sua essência, ou seja, disseminar o medo, impedir que grupos tenham uma vida mais digna e atacar minorias, continua a mesma.

Os conservadores se apoiam em categorias consolidadas no imaginário social para disseminar seu discurso e analisando mais detidamente as falas do pastor, percebemos a recorrência de dois temas centrais. A preservação da família tradicional e a educação dos jovens e das crianças. Nas falas aqui analisadas, a família deve ser pensada como alvo constante de ataque que existe uma tentativa de imposição de outras formas de organização familiar que não pais e filhos estão sendo impostas e aceitas pelo Estado. A escola, segundo a fala do pastor, é vista não como um espaço de encontro com a diversidade, com o outro e o pensamento crítico, mas como um local de permissividade aonde os jovens aprendem atos sexuais subversivos e são ensinados a terem seus corpos mutilados.

O debate sobre o discurso conservador não deve ficar apenas em analisar sua retórica e forma como seus argumentos são logicamente organizados, devemos entender as implicações práticas na vida dos sujeitos o qual o discurso se refere. O não reconhecimento de famílias LGBTQIA+, a não aceitação de casamentos de pessoas do mesmo sexo, a negação da existência de corpos transsexuais a construção de escolas cristãs que impedem o contato com o “diferente” e a morte exponencial de pessoas dissidentes sexuais e de gênero são alguns dos exemplos da dimensão concreta que acaba por se revelar um projeto político que impõem a heterossexualidade como norma, a dominação masculina e impede avanços em pautas referente a mulheres, jovens e, principalmente a população LGBTQIA+.

Devemos então nos atentar não apenas naquilo que é dito por esses grupos conservadores. Devemos ficar atentos às ações que esses grupos desenvolvem e suas implicações diretas nos setores da sociedade que já sofre com uma estrutura opressora, que designam o local de abjeto a esses sujeitos que não se enquadram em uma norma estabelecida. Que apesar de alguns direitos conquistados, ainda existe muita luta, não

apenas para assegurar esses direitos, os quais são constantemente atacados, mas na luta por melhorias de vida.

Talvez a palavra mais certa do pastor seja a de que quem não concorda com as imposições das ideias seja morto. Mas não os cristãos, homens héteros e defensores da família tradicional a qual Valadão prega, não daqueles sujeitos que vivem consoante a norma. Mas justamente o oposto, daqueles que questionam, subvertem a normatividade imposta. Daqueles homens e mulheres que sentem atração por pessoas do mesmo sexo, dos copros que não se sentem confortáveis com o seu designado no momento do nascimento ou daqueles que usam do ambiente escolar como espaço de questionamento e de debate. Sujeitos que colocam seus corpos na rua para reivindicar direitos. Daqueles indivíduos que só querem frequentar locais sem ter medo de serem violentados, seja através do discurso ou fisicamente, cujo direito de ir e vir, assegurado pela constituição, os é negado. Daqueles corpos cujo destino pode ser a morte¹⁰.

Referências

- BENEVIDES, Bruna G. Dossiê: **assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- DE MENDONÇA, Amanda André; DE MOURA, Fernanda Pereira. **“Ideologia de gênero” e escola sem partido: a agenda privatizante moralizadora para a educação brasileira**. Revista Interinstitucional Artes de Educar, v. 5, n. 2, p. 201-222, 2019.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 34ª edição. Petrópolis, vazes, 2012.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã e seus representantes Feuerbach, B.Bauer e Stiner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. São Paulo: Boitempo, 2017.

¹⁰ Caso o leitor se interesse por dados referentes a violência contra a população LGBTQIA+ recomendo a busca pelo site da Associação Nacional de Travestis e Transsexuais- ANTRA. Que pode ser acessado pelo link <https://antrabrasil.org/>

- QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT.** São Paulo: Companhia das letras, 2021.
- RUBIN, Gayle. **Pensando o sexo.** Políticas do sexo. 2017.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** 1995.
- SEGATO, Rita Laura. **Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial.** E-cadernos ces, n. 18, 2012.
- SEPULVEDA, José Antonio Miranda; SEPULVEDA, Denize. **O pensamento conservador e sua relação com práticas discriminatórias na educação: a importância da laicidade.** Revista Teias, v. 17, n. 47, p. 141-154, 2016.

I want Jesus more than my sexuality:

André Valadão and his conservative discourse on sexuality.

Abstract: This work analyzes the speech given by pastor André Valadão, based on two videos published on the Lagoinha USA YouTube channel. In the videos in question, the evangelical mainly attacks LGBTQIA+ people and touches on topics that mobilize people's panic regarding gender, sexuality, and education. Therefore, I propose to analyze the pastor's speech based on two major themes, which are always anchored in the word of God. The first concerns the issue of homosexual marriage and how it destroys the idea of a “traditional family”. The second theme is related to the idea of school as a space for the proliferation of the so-called “gender ideology”, and that the figure of the teacher would be responsible for the sexual education of children, depriving them of their natural choice for heterosexuality. Firstly, we will highlight how the themes raised by the pastor, in general, are associated with conservative discourse, and how this can be thought of academically. We continue to weave a relationship between the theoretical debate and some specific statements by the pastor regarding the issues of marriage for non-heterosexual people, family, and how school becomes an important space for dispute in this context. The final part of the text highlights some practical actions developed by the pastor in order to prevent any advancement for LGBTQIA+ populations.

Keywords: Conservative speech; Family; LGBTQIA+; School.

Recebido: 25/07/2023

Aceito: 23/03/2024